

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA

Larissa Vargas Nunes

**SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS APÓS CONFINAMENTO  
PANDÊMICO: DESAFIOS E REFLEXÕES DO RETORNO PRESENCIAL**

Santa Maria, RS  
2024

Larissa Vargas Nunes

**SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS APÓS ISOLAMENTO SOCIAL:  
DESAFIOS E REFLEXÕES DO RETORNO PRESENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, Pedagogia  
Licenciatura Plena Noturno como requisito  
parcial para obtenção do título de Licenciada  
em Pedagogia.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Estela Maris Giordani.

Santa Maria, RS  
2024

**LARISSA VARGAS NUNES**

**SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS APÓS CONFINAMENTO PANDÊMICO:  
DESAFIOS E REFLEXÕES DO RETORNO PRESENCIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia Licenciatura Plena Noturno, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 31 de Janeiro de 2024

---

Profª Drª Estela Maris Giordani, Centro de educação (UFSM)  
Orientadora

---

Santa Maria, RS  
2024

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.  
(BRASIL, 2010, p. 97)

## RESUMO

### **SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS APÓS ISOLAMENTO SOCIAL: DESAFIOS E REFLEXÕES DO RETORNO PRESENCIAL**

AUTORA: Larissa Vargas Nunes

ORIENTADORA: Estela Maris Giordani

A socialização na educação infantil é parte essencial para o desenvolvimento integral das crianças, e com o isolamento social causado pela COVID-19 as crianças não tiveram a oportunidade de socializar entre pares. O retorno presencial trouxe desafios que vão além das questões de saúde. Esta pesquisa trata de refletir sobre os desafios enfrentados pelas docentes no retorno presencial. E, considerando as mudanças sociais que vivenciamos, a socialização entre pares tem sido um dos desafios enfrentados após o período de isolamento, afetando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, e implicando em questões, criando desafios comportamentais. No que se relaciona a socialização das crianças, os docentes exercem um papel fundamental para identificar e abordar as dificuldades individuais, criar ambientes seguros e desenvolver estratégias para promover o relacionamento as crianças. O estudo busca compreender esses desafios por meio de uma pesquisa qualitativa, sendo esse método uma abordagem de investigação que se concentra na compreensão aprofundada das características pesquisadas. Para coleta de dados, foi desenvolvido um questionário com questões abertas para sete professores da Educação Infantil de escola pública municipal e privada na cidade de Santa Maria/RS. O questionário foi elaborado a partir dos temas: o retorno das crianças e o processo de socialização das crianças e, estratégias e desafios pedagógicos utilizados no retorno presencial. Os resultados apontam que o distanciamento social, necessário na pandemia, afetou significativamente a socialização das crianças no retorno presencial, e com isso os docentes tiveram diversos desafios, como buscar estratégias e formações para solucionar as demandas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Crianças. Socialização. Isolamento social. Pandemia COVID-19.

## RESUMEN

### **SOCIALIZACIÓN DE LOS NIÑOS DESPUÉS DEL AISLAMIENTO SOCIAL: DESAFÍOS Y REFLEXIONES DEL REGRESO PRESENCIAL**

AUTORA: Larissa Vargas Nunes

ORIENTADORA: Estela Maris Giordani

La socialización en la educación infantil es parte esencial del desarrollo integral de los niños y con el aislamiento social causado por el COVID-19, los niños no tuvieron la oportunidad de socializar entre sus compañeros. El regreso presencial trajo desafíos que van más allá de las cuestiones de salud. Este proyecto de investigación pretende reflexionar sobre los desafíos que enfrentan los docentes al regresar de manera presencial. Considerando los cambios sociales que hemos experimentado, la socialización entre pares ha sido difícil después del largo período de aislamiento, afectando el desarrollo de habilidades socioemocionales y creando desafíos de comportamiento. Los docentes desempeñan un papel fundamental en la socialización de los niños, enfrentando desafíos como: identificar y abordar dificultades individuales, crear ambientes seguros y desarrollar estrategias para promover las relaciones entre los estudiantes. El estudio busca comprender estos desafíos a través de la investigación que se centra en una comprensión profunda de las características investigadas. Para la recolección de datos se elaboró un cuestionario con preguntas abiertas dirigido a siete docentes de Educación Infantil de colegios públicos y privados de la ciudad de Santa María. El cuestionario fue elaborado en base a dos temas: el retorno de los niños y las estrategias y desafíos pedagógicos utilizados en el retorno presencial. Los resultados indican que el distanciamiento social necesario durante la pandemia afectó significativamente la socialización de los niños al regresar presencialmente y como resultado, los docentes enfrentaron varios desafíos, como buscar estrategias y capacitación para resolver demandas en el aula.

**Palabras-clave:** Niños. Socialización. Aislamiento social. Pandemia COVID-19.

## **LISTA DE SIGLAS**

AT Análise temática

BC Biblioteca Central

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal

LDB Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional

TDIC Tecnologias digitais da informação e comunicação

UFSC Universidade Federal de Santa

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	10
<b>3 METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	15
<b>4 RETORNO PRESENCIAL DAS CRIANÇAS E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO</b>	20
<b>5 DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS NO RETORNO PRESENCIAL</b>	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	25
<b>REFERÊNCIAS</b>	28



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia Noturno da Universidade Federal de Santa Maria, busca refletir os desafios enfrentados pelas docentes na socialização das crianças, após isolamento social COVID-19. O interesse pelo tema de pesquisa partiu da observação desta pesquisadora quando trabalhava no estágio extracurricular no retorno presencial do pós pandemia no início de 2022. Naquele contexto, assumimos a responsabilidade de uma turma de tempo integral, no contraturno, composta por crianças de dois 1º e um 2º ano do ensino fundamental de um colégio particular em Santa Maria-RS. Enfrentamos diversas dificuldades logo de início, pois as crianças estavam voltando após dois anos afastadas das escolas, passando por momentos difíceis durante o isolamento pandêmico. Ao observá-las, percebemos que demonstravam dificuldades no processo de interação com seus pares.

No final do ano, quando realizamos o estágio obrigatório na Educação Infantil, tivemos a oportunidade de estagiar em uma escola municipal em Santa Maria-RS. Durante o estágio, compartilhamos nossas frustrações e dificuldades enfrentadas no início do ano, e a professora regente retratou que vivenciou a mesma realidade com sua turma. Foi então que havia se revelado o tema do trabalho de conclusão de curso: desafios enfrentados pelas docentes na socialização das crianças da educação infantil, após isolamento social. Assim, surgiu o problema de pesquisa: Quais foram os desafios enfrentados pelas docentes na socialização das crianças da educação infantil, após isolamento social?

A partir disso, elaboramos o objetivo geral deste estudo que foi compreender os desafios enfrentados pelas docentes na socialização das crianças, após isolamento social da COVID-19. Como objetivos específicos buscamos: 1) entender, na perspectiva docente, como foi o retorno presencial das crianças em relação ao processo de socialização; 2) identificar os desafios e estratégias pedagógicas utilizadas pelas docentes no retorno presencial.

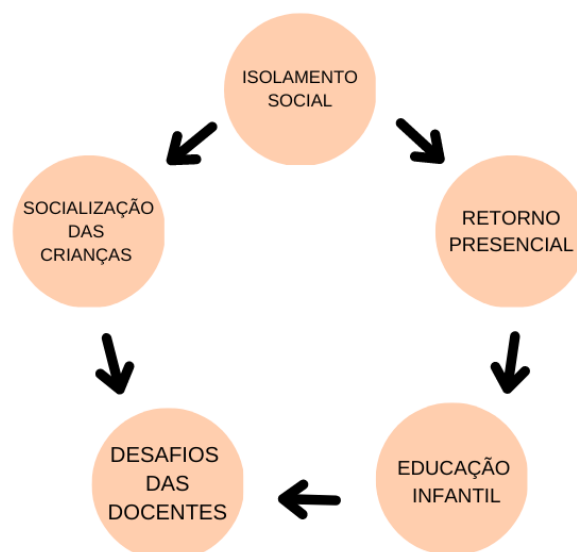
Para dar conta das discussões teóricas, revisamos a literatura buscando conceitos sobre a importância da socialização entre pares na escola de educação infantil e os desafios ao retornarem presencialmente, dialogando com os autores Barbosa (2009), Barbosa (2013), Giroto (2006), Gabriel, Marçal, Imbernon e Pioker-Hara (2021), Oliveira, Lisboa Escantiago (2020), Anjos e Franciscos (2021) e Machado Castelli e Coll Delgado (2021). A metodologia da pesquisa foi delineada a partir de cunho quantitativo de campo, sendo que a coleta de dados foi realizada com sete professoras da educação infantil por meio de um questionário de perguntas abertas que trata acerca de estratégias e desafios de socialização de crianças da

educação infantil em escolas privadas e públicas municipais em Santa Maria, após o retorno da pandemia.

O questionário teve início com a formulação das perguntas, seguindo uma sequência que visava a caracterização dos docentes, abordando sua formação. Em seguida, foram incluídas questões relacionadas à socialização das crianças, e por fim, questões sobre as estratégias utilizadas pelas professoras. A análise de dados seguiu a técnica da análise temática, orientada pelos dados, ou seja, realizada de maneira indutiva, com a criação de categorias a partir da exploração do conjunto de dados obtidos nos questionários.

Entendemos ser relevante o estudo dos desafios enfrentados pelas docentes no retorno presencial das crianças da educação infantil, após quase dois anos de confinamento em suas casas, pois com o isolamento houve a carência de socialização das crianças com seus pares, assim dificultando seu retorno ou inícios em instituições de ensino. Consideramos que esse estudo contribui significativamente para o entendimento dos obstáculos encontrados pelas docentes no retorno presencial das crianças da educação infantil, após o longo período de confinamento. Assim sendo é importante ampliar o ponto de vista dos professores diante dos desafios vivenciados, que continuarão a se estender nos anos seguintes. Pois, torna-se indispensável que esses profissionais atuem como agentes ativos, permanecendo atentos às necessidades tanto individuais quanto coletivas das crianças. Com isso, entende-se que é necessário a formação continuada dos professores, na busca de sempre compreender as dificuldades ao seu redor independentes destas serem emergenciais e do cotidiano.

Quadro 1: Quadro síntese



Fonte: Criação própria.

Na primeira parte do estudo trazemos as discussões teóricas sobre o período da pandemia e a socialização das crianças na educação infantil. A seguir, explicitamos o percurso metodológico da pesquisa e, em seguida, analisamos na primeira parte a formação das docentes e suas experiências, na segunda parte é discutido, a partir dos dados do questionário, a socialização das crianças após o isolamento social, e na terceira parte é apresentado os desafios e estratégias pedagógicas utilizadas no retorno presencial.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos em seus aspectos físico, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade, através do educar, cuidar e brincar (BRASIL, Lei nº 9.394/96). É com a vivência do cotidiano que se desenvolve o social, o emocional e intelectual, criando assim sua individualidade, como aborda Barbosa (2013, p. 07):

É a partir das vidas cotidianas que os bebês realizam suas experiências iniciais com os objetos, com os amigos, com as pessoas que os alimentam, com suas brincadeiras e com as histórias que escutam e as músicas que ouvem. São esses pequenos atos, feitos em conjunto, que dão início à construção de um mundo real e à formação de um mundo imaginário assim como à possibilidade de inventar formas dilatadas da vida, ligando as artes do fazer às artes do viver. Com os adultos e as demais crianças, cada bebê ou criança aprende maneiras de estar e se relacionar com o mundo, criar seu estilo de ser.

Portanto, destacamos a importância desses pequenos atos realizados em conjunto como os alicerces para a construção de um mundo real e o desenvolvimento de um mundo imaginário na mente das crianças. Ao interagir com objetos, os bebês exploram texturas, formas e possibilidades, construindo uma compreensão inicial do ambiente físico. Para Barbosa (2013, p. 07) “Será no exercício compartilhado da vida coletiva que as crianças, efetivamente, irão socializar-se, aprender a conviver, confrontar, discutir, procurar soluções com seus pares e o apoio dos adultos.” As interações com outras crianças e adultos fornecem não apenas a base para o desenvolvimento social, mas também estabelecem as primeiras conexões emocionais e afetivas. Esse aprendizado não se restringe apenas às habilidades práticas, mas abrange valores, normas sociais e a construção da identidade individual. Com isso, a instituição de ensino é

necessária para o desenvolvimento integral das crianças, incluindo sua socialização com diversas culturas. Barbosa (2009, p. 12) relata que:

A função da educação infantil nas sociedades contemporâneas é a de possibilitar a vivência em comunidade, aprendendo a respeitar, a acolher e a celebrar a diversidade dos demais, a sair da percepção exclusiva do seu universo pessoal, assim como a ver o mundo a partir do olhar do outro e da compreensão de outros mundos sociais. Isso implica em uma profunda aprendizagem da cultura através de ações, experiências e práticas de convívio social que tenham solidez, constância e compromisso, possibilitando à criança internalizar as formas cognitivas de pensar, agir e operar que sua comunidade construiu ao longo da história.

Portanto, ao ingressarem na educação infantil, desde cedo as crianças aumentaram seu repertório cultural, colaborando para o desenvolvimento completo, e para a socialização da criança, como traz Barbosa (2009, p. 14) “A socialização das crianças ocorre ao mesmo tempo no meio próximo, familiar e em um ambiente social, o estabelecimento educacional.” As crianças estão inseridas em diversos meios sociais, sendo o familiar e o educacional os mais significados na promoção do seu repertório cultural. E na educação infantil, é por meio das vivências e da interação entre as crianças e o meio socioeducacional que estas vão realizar a construção das aprendizagens cognitivas, sociais, emocionais. Como aborda Barbosa (2009, p. 14):

Atualmente, as crianças são socializadas nas relações que estabelecem com muitas pessoas e nas experiências concretas de vida diferenciadas, com grande presença dos meios de comunicação social que trazem mundos distantes para dentro das casas. Isso abre perspectivas para a aprendizagem de configurações de outros modos de socialização.

Além de acolher, educar e cuidar, a escola de educação infantil tem um currículo voltado para a participação ativa das crianças, sendo esses espaços significativos para a aprendizagem em comunidade, promovendo o respeito à diversidade e a compreensão de diferentes realidades sociais. Barbosa (2009, p. 50) concebe que:

[...] o currículo acontece na participação das crianças nos processos educacionais, que envolvem os momentos de cuidado físico, a hora de contar e ouvir histórias, as brincadeiras no pátio ou na sala, a hora de cantar e de garatujar, ou seja, ele está continuamente em ação.

Com isso, o currículo para crianças apresenta abordagem mais lúdica, pois a intenção é buscar desenvolver o lado criativo, social, autônomo. Sendo a instituição o meio de promover essas abordagens. Ao irem para o ambiente educacional as crianças passam a conviver com diversas culturas, sendo essas valiosas para o seu desenvolvimento integral. Ter contato com o

contexto escolar possibilita a exploração e aprendizado de diferentes formas de interação social, tendo suas experiências ampliadas, aprendendo a viver e a conhecer um mundo e sua diversidade desde cedo. A instituição escolar é a base para o desenvolvimento da criança, tornando-os sujeitos com Girotto (2006, p. 02-03) “[...] formação de sujeito autônomo, crítico, cooperativo, responsável, criativo, competentes, auto-confiantes e felizes.” E, a educação infantil possui um papel fundamental pois é nela que se inicia esse processo formativo.

Portanto, conforme Girotto (2006, p. 32), “Essa criança apropria-se de conhecimento na interação com o meio sócio-cultural que a constitui e que é por ela constituído.” A socialização das crianças na educação infantil desempenha um papel crucial no seu desenvolvimento, sendo a escola um ambiente fundamental para prepará-las para a vida em sociedade. Contudo, durante o período da pandemia, as crianças foram privadas da convivência com seus pares, sendo assim, o isolamento social afetou consideravelmente a socialização, Machado Castelli e Coll Delgado (2021, p. 4) trazem que:

É visível que o vírus da Covid-19 e suas variações afetaram a infância pela urgência com que exigiram mudanças nos modos de vida de adultos/as, idosos/as, jovens e crianças frente aos cuidados necessários no enfrentamento de uma pandemia tão intensa e prolongada. Vivemos experiências para as quais não nos encontrávamos preparadas/os, e a infância foi duramente afetada nesse novo contexto.

A urgência das mudanças nos modos de vida de todas as faixas etárias evidencia os desafios enfrentados na pandemia, não apenas para os adultos, mas também os idosos, jovens e, especialmente, as crianças. Gabriel, Marçal, Imbernon e Pioker-Hara (2021, p. 2) colaboram nessa visão, destacando os impactos negativos nas relações dentro do ambiente escolar.

Nessa realidade, vários aspectos que tangem o cotidiano escolar foram afetados de maneira negativa, dentre os quais a inerente socialização entre os atores do processo, bem como a maneira de ministrar os objetos de aprendizagem, além das ações pedagógicas.

No isolamento vimos a presença das aulas remotas e o uso de Tecnologia Digital da informação e da comunicação (TDIC). Essa abordagem foi necessária devido ao contexto que estavam vivendo, no entanto, para a educação infantil o uso de TDIC não foi tão valiosa para o desenvolvimento das crianças, pois faltava a interação e contato umas com as outras. Anjos e Franciscos (2021, p. 04) trazem que:

Na Educação Infantil, o uso de TDIC tem sido apontado com parcimônia, por se entender que o desenvolvimento integral da criança se dá a partir do uso e do domínio do próprio corpo, tendo o movimento como a expressão máxima da manifestação infantil nos primeiros anos de vida. No movimento via brincadeira, temos o exercício da mediação social que se dá no contato com outras crianças e consigo mesma, na

constituição de um ser social. Neste sentido, são relevantes as relações e interações para a constituição infantil. Desta forma, o contato presencial precisa ser privilegiado, a fim de viabilizar a corporificação das aprendizagens por parte das crianças.

Com a medida de proteção, as crianças ficaram distantes umas das outras, ficando muito tempo frente às telas, assim dificultando sua socialização no retorno presencial. A necessidade de adaptar-se às medidas de segurança, distanciamento social e outras restrições afetou a socialização das crianças, que estavam recém iniciando seu contato com as variadas culturas. Com distanciamento houve alguns desafios enfrentados no retorno presencial, pois as crianças e as professoras estavam um tempo significativo distante da instituição, perdendo assim seu vínculo, como observado por Oliveira, Lisboa e Santiago (2020, p. 06) “o referido isolamento e o ensino remoto vêm operando desconstruções sob o modo como “alunos com alunos”, “professores com alunos”, “professores com professores”, “docentes com gestores” se relacionam”.

A desconstrução nas interações entre alunos, professores e gestores demanda uma atenção especial na reconstrução de conexões mais colaborativas e significativas. Esse processo não se restringe à retomada das atividades presenciais, mas envolve uma adaptação sensível para promover um ambiente de aprendizagem mais rico e envolvente.

No âmbito da relação entre escola e família, Barbosa (2009, p. 34) destaca a importância de uma abordagem dialógica:

Como qualquer contato entre pessoas e grupos sociais, a relação escola-família não pode ser unidirecional. A escola e os profissionais que nela atuam necessitam regular seu relacionamento com as famílias como uma via de mão dupla, pautada na dialogia, o que significa enfatizar a possibilidade de estabelecer conversas e trocas que somente acontecem se há escuta e respeito ao ponto de vista do outro, se há diálogo mediado pela ética.

Nessa relação destaca-se a necessidade de ter essa interação como uma via de mão dupla, sendo fundamental que a escola e os responsáveis adotem uma abordagem dialógica. O diálogo, torna-se um vínculo essencial para a construção de entendimento e colaboração entre a escola e as famílias. Sendo importante essa relação, para assim promover o desenvolvimento da criança, como abordou Anjos, Ehlert e a Camini (2021, p. 31)

O diálogo com os pais/famílias ou responsáveis e o cumprimento dos protocolos sanitários são alguns dos condicionamentos para que de fato o retorno à Educação Infantil esteja ancorado no compromisso de garantir segurança sanitária, espaço pedagógico saudável, integração família ou responsáveis e escola e uma escuta que amenize as situações vividas pelas crianças, desde o início da pandemia.

No início da retomada das atividades escolares foi necessário ter a escuta e diálogos entre as famílias e equipes educacionais, pois isolamento e o ensino remoto provocaram alterações substanciais na relação dentro do ambiente educacional, essas mudanças afetaram não apenas a interação entre alunos, mas também as relações entre professores e alunos, entre os próprios professores e, igualmente, entre professores e gestores. No retorno presencial a necessidade do afastamento pelas medidas de proteção não facilitou a interação entre esses atores, pois as crianças não podiam ter contado com seus pares ou docentes, sendo ainda mais relevante que adquirissem sua autonomia, diminuindo assim o contato físico com os outros, como trazem Cruz, Martiz e Cruz (2021, p. 20).

O desenvolvimento da autonomia das ações nessas crianças, num momento de necessidade de redução do contato físico, torna-se ainda mais relevante; as que ainda não sabem, devem ser estimuladas e ajudadas em aprendizagens como comer, fazer sua higiene, vestir-se e calçar-se sozinhas.

Com essa necessidade na redução do contato físico, foi relevante pensar num planejamento que priorizasse a criação de condições propícias para que as crianças pudessem obter autonomia, interagir, brincar e explorar, mesmo diante da implementação de medidas preventivas contra o contágio. Com isso, a realização de processos formativos envolvendo todos os profissionais da instituição era necessário, promovendo assim a saúde e bem-estar tanto das crianças quanto dos adultos envolvidos. Houve também desconstrução entre os atores educacionais, onde exige uma atenção especial para reconstruir conexões novas e esse processo não se trata apenas da retomada das atividades presenciais, mas envolve uma adaptação sensível, para que o ambiente de aprendizagem seja mais colaborativo e significativo. Segundo Anjos, Ehlert e a Camini (2021, p. 31):

Se a cada ano havia um período de adaptação para as crianças da Educação Infantil, é fundamental atentar que o retorno não está se dando após um período de férias e sim, durante uma pandemia, e isto requer acolhimento, escuta, interação, encaminhamentos e um compromisso com as funções sociopolíticas e pedagógicas e os princípios éticos, políticos e estéticos, presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, na proposição de atividades para/ e com os bebês, crianças bem pequenas e pequenas que retomem a sua vida escolar na presencialidade.

Com isso, foi necessário as docentes pensar em estratégias voltadas para a adaptação das crianças, promovendo um lugar de escuta, acolhimento e interação. Estas estratégias devem considerar os desafios ainda presentes das medidas de proteção, como o afastamento, uso de máscaras para crianças e higienização frequente.

Em síntese, a socialização de crianças no contexto educacional contemporâneo enfrenta desafios significativos, especialmente em decorrência da pandemia da COVID-19. O

distanciamento social impactou as relações no ambiente escolar, exigindo adaptações tanto no ensino quanto na interação entre os diversos atores educacionais. A relação dialógica entre escola e família torna-se crucial nesse contexto, promovendo um ambiente colaborativo e significativo para o desenvolvimento integral da criança.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa realizada é de cunho qualitativa de campo com questionário de questões abertas que trata acerca dos comportamentos observados nas crianças no pós pandemia e as estratégias pedagógicas utilizadas pelas docentes. A pesquisa qualitativa foi escolhida para realizar uma investigação detalhada, refletindo sobre as experiências das professoras regentes após o retorno da pandemia, com foco nos contextos emergentes referentes à socialização das crianças. Optamos pela abordagem qualitativa devido à sua capacidade de fornecer uma visão mais ampla ao desvelar a realidade vivenciada. Conforme Yin (2016, p. 28) “[...] a pesquisa qualitativa envolve primeiramente estudar o significado das vidas das pessoas nas condições em que realmente vivem”. A pesquisa qualitativa é uma abordagem de investigação que se concentra na compreensão aprofundada dos fenômenos pesquisados.

Para Yin, “a pesquisa qualitativa difere por sua capacidade de representar as visões e perspectivas dos participantes de um estudo. Capturar suas perspectivas pode ser um propósito importante de um estudo qualitativo” (idem). Essa abordagem possibilita uma compreensão mais profunda e contextualizada, permitindo refletir sobre os desafios enfrentados no processo de socialização das crianças no ambiente escolar após um período de distanciamento social.

A definição da pesquisa iniciou com a busca de materiais publicados sobre o tema realizando uma pesquisa estilo estado do conhecimento nos periódicos e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) utilizando os descritores, com as combinações “Socialização das crianças após isolamento social” e “Desafio das criança após isolamento social”. Os critérios utilizados foram Ano 2020 a 2022 e Idioma: Português. Foram encontradas 10 (dez) obras referentes ao tema, dentre elas teses, dissertações e artigos, sendo três trabalhos na CAPES, cinco trabalhos na SciELO e dois trabalhos na BDTD.

Após realizarmos as leituras dos títulos, resumos e palavras chaves, as publicações que atendiam o tema da pesquisa foram passadas para um quadro que contém título, link de acesso, ano de publicação, resumo, palavras chaves e citação. Com isso foram encontradas 10 (dez)



obras referentes ao tema, sendo essas teses, dissertações e artigos. Este quadro guiou a construção do referencial teórico e a análise dos dados.

A escolha do instrumento de coleta de dados deu-se por meio de questionário pela necessidade de obter informações de forma rápida e eficiente, considerando o curto prazo disponível para a realização do estudo. “O questionário é um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo” (Severino, 2014, p. 109). Consideramos ser importante entender os desafios enfrentados pelas docentes e pesquisar esse contexto específico da pós pandemia. Como argumentam Amaro, Póvoa e Macedo (2005), o questionário apresenta a facilidade, pois com ele, podemos abranger um número maior de pessoas em um espaço de tempo relativamente curto, permitindo a coleta abrangente de dados para análise.

Optamos por utilizar esse instrumento de coleta, adotando questões abertas com base na temática da pesquisa, com o intuito de oferecer uma contribuição significativa para o trabalho. Conforme Severino (2014, p. 109) as questões abertas possibilitam que os participantes elaborem suas respostas com suas próprias palavras e a partir de suas características pessoais. Esse tipo de estratégia obtém respostas mais aprofundadas, proporcionando aos participantes maior liberdade de expressão e detalhamento em suas respostas, tornando a pesquisa mais rica em argumentos.

O processo de criação do questionário teve início com a formulação das perguntas, seguindo uma sequência que visava a caracterização dos docentes, abordando sua formação. Em seguida, foram incluídas questões relacionadas à socialização das crianças, e por último, questões sobre as estratégias utilizadas pelas professoras. A importância da formulação adequada das questões é destacada por Amaro, Póvoa e Macedo (2005), que aponta três princípios básicos a serem considerados: clareza, orientação e neutralidade. As perguntas devem ser claras, concisas e unívocas, correspondendo à intenção da própria pergunta e não induzindo respostas específicas, garantindo assim a liberdade do entrevistado de julgamentos de valor ou preconceitos do autor.

Para a busca das informações, elaboramos um questionário com todas as perguntas abertas contendo duas temáticas sobre a socialização das crianças no pós-pandemia: a primeira foi sobre os comportamentos observados nas crianças no pós pandemia e a segunda foi sobre as estratégias pedagógicas utilizadas. Ainda, no questionário elaboramos um grupo de questões referentes à caracterização da amostra das participantes da pesquisa contendo perguntas sobre o turno e turmas de atuação, tempo de atuação e formação das docentes.

Elaboramos cinco perguntas a respeito da caracterização das docentes, sendo elas: 1) Qual sua formação? Fez pós-graduação ou especialização?; 2) Tempo de regência?; 3) Atua somente na Educação infantil?; 4) Trabalha um ou dois turnos? e, 5) Qual ou quais turma (s) você atua?. Em seguida, foram colocadas as questões sobre o processo de socialização das crianças no contexto da pós pandemia, contendo as questões de seis a dez: 6) Como foi o retorno presencial em 2021, na questão da socialização?; 7) Comportamentos das crianças antes e depois da pandemia - que diferenças notou?; 8) Percebeu dificuldade das crianças expressarem suas emoções?; 9) Percebeu dependência de mídias digitais e/ou aparelhos digitais?; 10) Percebeu se houve dificuldade em compartilharem objetos ou brinquedos? Se sim, com adultos, crianças ou ambos?. E, por fim, foram colocadas as questões referente aos desafios enfrentados pelas docentes, nesse grupo continuam questões de onze a quatorze: 11) A escola ou sistema de ensino deu algum tipo de suporte para enfrentar estas dificuldades?; 12) Sentiu-se preparada ou teve dificuldades para enfrentar essa temática?; 13) Quais foram as estratégias pedagógicas utilizadas para trabalhar esta temática? Onde buscaram essas estratégias?; 14) Buscou leituras, cursos, formação sobre esse assunto, que cursos e leituras? Se percebeu que estes cursos ou leituras auxiliaram?.

Para a coleta de dados, inicialmente, foi enviado um questionário a cinco professores de um colégio privado, instituição na qual o pesquisador realizou um estágio extracurricular em Santa Maria. Em seguida, o mesmo questionário foi encaminhado por meio do aplicativo *Whatsapp* para quatro professores de uma escola municipal da mesma cidade, por meio da diretora do colégio. Dos nove questionários enviados, três professoras regentes deram retorno no colégio privado e quatro no colégio público municipal, totalizando sete retornos de docentes.

Essas instituições foram escolhidas por sua proximidade com o local de trabalho do pesquisador, facilitando o processo de coleta de dados e tornando possível obter informações valiosas para o estudo levantando contribuições e reflexões que elaboraram a partir de suas práticas pedagógicas acerca da socialização das crianças na educação infantil.

As respostas fornecidas no questionário passaram por uma análise temática (AT), com o objetivo de caracterizar as participantes da pesquisa e os resultados das questões. “A AT é um método de análise qualitativa de dados para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) a partir de dados qualitativos.” (Braun e Clarke, 2006, p. 02). Os autores dividem a análise temática em seis fases: 1) Familiarização com os dados; 2) Geração de códigos iniciais; 3) Busca por temas; 4) Revisão dos temas; 5) Definição e nomeação dos temas; 6) Produção do relatório.

A condução da análise temática neste estudo foi orientada pelos dados, ou seja, realizada de maneira indutiva, com a criação de categorias a partir da exploração do conjunto de dados obtidos nas entrevistas. Braun e Clarke (2006, p. 04) sustenta que “o processo de AT começa quando o pesquisador procura, nos dados, por padrões de significados e questões de possível interesse à pesquisa.” Assim procedeu-se a análise com base nas respostas das professoras regentes das escolas, realizada de forma indutiva. Para auxiliar na análise foram lidas e classificadas as informações conforme as temáticas que apareciam, utilizando para isso cores para a sua identificação. E, assim posteriormente, realizar a análise dos dados.

Para compreender as características das professoras que participaram da pesquisa, elaboramos o quadro a seguir.

Quadro 1 - Dados das professoras entrevistadas

<b>Prof</b>	<b>Atuação</b>	<b>Turno</b>	<b>Turma</b>	<b>Tempo Experiência</b>
P1	E.I	1	Pré A2 faixa etária (4 a 5 anos)	16 anos
P2	E.I	1	Atuo com a turma de Pré-B (5 e 6 anos)	14 anos de regência em educação infantil
P3	E.I	1	Atuo com crianças de 4-5 anos, Pré-escola Nível B.	2 anos de regência
P4	E.I	2	Ambos os turno na turma de Maternal I	5 anos de regência
P5	E.I A.I	2	Maternal II e 2º Ano.	2 anos de regência nos anos iniciais e 12 anos na educação infantil
P6	E.I	2	Na parte da manhã cubro os planejamentos da educação infantil (maternal I a Pré-B). À tarde tenho um maternal II integral.	19 anos
P7	E.I	1	Turma de maternal I	4 anos

Fonte: Dados da pesquisa 2023.

Ao analisar os dados, temos as seguintes informações relevantes sobre a atuação e experiência profissional das sete educadoras pesquisadas na área de Educação Infantil (E.I). Cada profissional é identificado por uma sigla (P1 a P7) e apresenta dados sobre atuação, turno, turma e tempo de experiência. Seis dos docentes atuam na educação infantil e uma atua também nos anos iniciais (P5). Em relação ao turno de atuação, a maioria atua somente um turno (20 horas semanais) e três docentes trabalham em dois turnos (P4, P5 e P6), totalizando 40 horas semanais. As docentes, quando pesquisadas, atuavam em uma variedade de turmas, do Maternal I até Pré-B, abrangendo uma faixa etária de crianças de 2 a 5 anos de idade. E, no caso, P5 atua

em um 2º ano do ensino fundamental, com crianças de 7 e 8 anos de idade. O tempo de atuação das docentes P2, P3, P4 e P7 varia de dois a cinco anos de regência e as docentes P1, P5 e P6 possuem mais de dez anos de regência, sendo com 12, 16 e 19 anos.

Quadro 1: Tópicos da análise.

- Sete educadoras pesquisadas na área de Educação Infantil (P1 a P7);
- Seis das docentes atuam na educação infantil e uma atua também nos anos iniciais (P5);
- Quatro docentes atuam um turno e três docentes trabalham em dois turnos (P4, P5 e P6);
- Turmas do Maternal I até Pré-B, e P5 atua em um 2º ano do ensino fundamental também;
- O tempo de atuação das docentes P2, P3, P4 e P7 varia de dois a cinco anos de regência e as docentes P1, P5 e P6 possuem mais de dez anos de regência, sendo com 12, 16 e 19 anos.

Fonte: Dados da pesquisa 2023.

Com isso, percebemos que a P3 não possui experiência anterior à pandemia. Isso pode indicar desafios únicos e oportunidades de aprendizado, uma vez que essa docente começou sua carreira durante este período. Notamos ainda que, apesar dos docentes P1, P5 e P6, possuírem mais de dez anos de experiência, continuaram a se atualizar e se adaptar às mudanças constantes na educação.

Quadro 1 - Formação das docentes

Prof.	Qual sua formação: graduação e pós-graduação
	Curso Normal. Graduação em pedagogia e mestrado.
P2	Possui formação em pedagogia educação infantil e anos iniciais, com pós-graduação em orientação educacional.
P3	Formação em Pedagogia pela UFSM, pós-graduação em andamento em educação infantil.
P4	Formação em pedagogia.
P5	Possuo formação em pedagogia, cursando mestrado.
P6	Possuo formação em pedagogia educação infantil, com pós-graduação em Sociologia da Infância e Educação Infantil.
P7	Formação em Pedagogia, pós-graduação em andamento.

Fonte: Dados da pesquisa 2023.

Quadro 1: Tópicos da análise.

- Todas possuem curso superior de graduação em pedagogia, duas possuem pós-graduação (P2 E P3) e duas estão cursando (P3 e P7);
- P1 possui mestrado e P5 está fazendo mestrado.

Fonte: Dados da pesquisa 2023.

Ao analisar a formação das docentes, percebemos que todas possuem curso superior de graduação em pedagogia, duas possuem pós-graduação (P2 E P3) e duas estão cursando (P3 e P7). P1 possui mestrado e P5 está fazendo mestrado. Com isso, percebemos que todas estas professoras possuem formações acima da graduação, indicando uma busca por conhecimentos e aprimoramento profissional através de pós-graduação e mestrado. Indica ainda que as docentes possuem interesse em manterem-se atualizadas na área em que atuam.

#### **4 RETORNO PRESENCIAL DAS CRIANÇAS E O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO**

Esta seção apresenta a análise dos dados coletados a partir do questionário que trás a visão das docentes sobre o retorno presencial das crianças na educação infantil. Buscamos compreender como foi a socialização das crianças, perante seus pares e adultos da instituição,

refletindo também sobre as consequências da falta de interação com outras crianças no isolamento social.

A pandemia da COVID-19 trouxe diversos desafios, e um dos afetados pelo isolamento social foram as crianças pequenas, como relata Linhares e Enumo (2020, p. 05)

Além das grandes perdas do processo de aprendizagem formal, as crianças estão sendo privadas da necessária socialização com os pares, em que ocorrem aprendizados significativos para o desenvolvimento humano, tais como: experiências lúdicas compartilhadas, que implica em interações proximais face a face; cooperação; convivência com as diferenças; compartilhamento de decisões; enfrentamento de desafios; negociação de conflitos; adiamento de gratificações; espera da sua vez; exercício controle de impulsos; entre outras habilidades.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos, através do “Educar, Cuidar, Brincar” (BRASIL, Lei nº 9394/96). Dar às crianças oportunidades de vivenciar diferentes contextos auxilia no seu desenvolvimento integral. Estimulando para um potencial criativo e despertando a sensibilização; possibilitando as vivências em diversas situações, favorecendo o desenvolvimento e adquirindo conhecimentos no enfrentamento dos desafios. A partir da Constituição Federal (1988) foi assegurado o dever do Estado em prover creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade (5 anos e 11 meses), que a criança passou a ser compreendida enquanto um sujeito de direitos e a Educação Infantil concretizou-se enquanto um direito da criança e uma obrigação do Estado, focalizando-a como prioridade. Com isso, ela é a protagonista do processo, construída a partir das suas interações e das suas trocas de experiências com o meio e os outros, precisando de autonomia para explorar e vivenciar os espaços e tempos.

O processo de socialização das crianças requer o desenvolvimento da cultura de pares, especialmente na educação infantil, ele nos leva a considerar a importância da interação entre as crianças, sendo relevante para seu desenvolvimento social e cultural. Essas experiências sociais moldam não apenas o modo como as crianças percebem a si, mas também influencia sua compreensão do mundo ao seu redor. Por não terem essa interação entre pares no isolamento social, algumas crianças apresentaram dificuldades de socializar entre si no retorno presencial. A cultura de pares possui a seguinte definição:

A cultura de pares é aquela produzida no encontro de crianças de idade aproximada. O uso deste conceito surgiu nos estudos sobre o desenvolvimento infantil, mostrando a importância da vida em grupo, mesmo para as crianças pequenas. A palavra “pares” nessa expressão não está ligada à ideia de dupla, de par, mas a noção de grupo. (Barbosa, 2009, p. 31).

Com isso, o retorno presencial em 2022 gerou grandes expectativas em relação à docência da educação infantil, considerando principalmente a importância do contato físico estabelecendo vínculos entre crianças e professores. No questionário a P1 argumentou que esse período “trouxe muitas expectativas em relação à docência, ainda mais tendo em vista que o contato físico é essencial para a criação de vínculos entre criança e professor.” A P2 nesta mesma direção lembra que, retorno foi cauteloso, houve restrições nas atividades, brincadeiras e uso de materiais compartilhados, P1 ainda relata que foi difícil para as crianças compreenderem que não podiam fazer muitas coisas, inclusive brincar juntas.

A socialização entre pares na primeira infância é crucial para seu desenvolvimento, como retrata o Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2014, p. 06). “Isto é, as crianças experienciam e aprendem no mundo através dos relacionamentos socioafetivos, e estes, por sua vez, influenciam todos os aspectos do desenvolvimento infantil.” P3 trás que, embora tenham voltado à escola felizes, as restrições de contato físico afetaram a socialização, já que as crianças passaram muito tempo em casa apenas com a família. Barbosa (2009, p. 31) relata que “A formação das crianças acontece em processos de interação, negociação com os outros ou por oposição a eles.” Com a falta de socialização entre seus pares as crianças começaram a apresentar redução nessa capacidade nos aspectos dialógicos, criativos e sensíveis, assim como na comunicação de necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas e opiniões.

Portanto, as interações são essenciais e, com o afastamento das crianças do meio social, elas apresentam mudanças comportamentais visíveis, como relata aP1:

Foi possível perceber mudanças em todos os aspectos biopsicosocial, elas ficaram mais suscetíveis ao choro e as birras para conquistar o que queriam, resistentes em participar das vivências propostas no cotidiano escolar, em compartilhar suas coisas, em resolver conflitos e negociar.

A autora deste trabalho, nas suas interações, realizando o estágio curricular e o extracurricular neste período, observou que as crianças manifestaram comportamentos que demonstraram maior dependência emocional do adulto e se, não fossem imediatamente atendidas ou contrariadas em seus pequenos “caprichos”, reagem com choros e birras para conseguirem o que desejavam. P1 revela que “Elas ficaram mais resistentes em participar das vivências propostas no cotidiano escolar, em compartilhar suas coisas, em resolver conflitos e negociar”. A P2 conta que “Os comportamentos das crianças notáveis foram de ansiedade, dificuldade de socializar, dificuldade de falar com mais frequência no pós-pandemia, não que isso não acontecia antes da pandemia, porém no retorno se enfatizaram estas dificuldades.”

Observa a P2 que neste período ainda “houve um aumento na troca de falas infantilizadas e um desejo de serem ouvidos em vez de ouvirem.” Uma hipótese levantada sobre um dos motivos das crianças manifestarem tais comportamentos foi o aumento da exposição excessiva às telas, conforme relato da P1

As mídias digitais forneceram a conexão das crianças com a escola e seus colegas durante a pandemia, permitindo recriar laços afetivos e participar de ações coletivas. No entanto, o uso excessivo e descontrolado dessas mídias levou a uma dependência prejudicial ao desenvolvimento neural, tornando as crianças mais sedentárias e desmotivadas. Isso afetou sua capacidade de participar ativamente das atividades da escola.

O digital está cada dia mais presente nas casas, e com o isolamento social o uso e exposição a telas se intensificou visivelmente. Em seu estudo Souza *et al* (2020, p. 12) elabora a compreensão que:

[...] durante a pandemia um elemento tem afetado de forma particular as crianças e adolescentes: a maior exposição a telas digitais/aumento do uso de tecnologias. Esse aumento pode ser devido à realização de atividades escolares de forma remota. Contudo, os pais estão deixando seus filhos usarem muito mais do que para estudo e para o tempo habitual de lazer.

No entanto, o uso exagerado pode estar afetando a socialização, o desenvolvimento da comunicação, da atenção e do pensamento das crianças. No retorno presencial, como relata a P7 “O uso das mídias tem aumentado [...] se intensificou tornando um vício dos pequenos e consequentemente essas crianças têm interagido menos com outras crianças e adultos ocasionando um desenvolvimento mais lento da sua fala utilizando o choro como forma de expressão.”

A expressão da criança é um direito fundamental de aprendizagem na Educação Infantil, como aborda Giroto (2021 p. 32) é preciso “Compreender a criança enquanto ser social, cultural e psicológico, situado histórica e geograficamente, em pleno processo de aprendizagem e desenvolvimento de suas possibilidades sócio-afetivas, bem como e desde já, exercendo seus direitos e deveres como cidadão.” Embora estejamos em uma sociedade envolta pelos meios digitais, do ponto de vista educacional, é preciso compreender como os usos destes com as crianças implicam na relação de seu desenvolvimento saudável ou patológico.

Com diversas demandas no retorno presencial, foi de extrema importância a troca entre professoras e o diálogo dos pais com as regentes. P7 relata que procurou estabelecer “[...] trocas de experiência com colegas com o intuito de buscar novas estratégias e conversas com os pais ou responsáveis, para que, juntamente com a escola, busquem o desenvolvimento de seus filhos.” Kramer (2003, p. 100) afirma que:



[...] essa interação favorece e complementa o trabalho realizado na escola com as crianças na medida em que possibilita que se conheça seus conteúdos de vidas, os costumes e valores culturais de suas famílias, e as diferenças ou semelhanças existentes entre eles e em relação à proposta.

O suporte familiar foi de extrema importância para o retorno das crianças, pois a colaboração entre as docentes e famílias oferece uma troca benéfica, não apenas ao aluno com uma rede de apoio tanto na escola quanto em casa, mas também para as docentes que obtêm uma resposta mais imediata sobre o desenvolvimento da criança. As docentes que têm bom diálogo com a família e conhecem o ambiente do aluno conseguem envolvê-los na rotina escolar, pois descobrem maneiras de despertar seu interesse.

## **5 DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS NO RETORNO PRESENCIAL**

Esta seção apresenta a análise dos desafios e as estratégias enfrentadas pelas docentes pesquisadas no retorno presencial perante a socialização das crianças da educação infantil.

As docentes desempenham um papel fundamental na promoção da socialização das crianças após o isolamento social. Elas enfrentaram desafios como a necessidade de identificar e abordar as dificuldades individuais de cada criança, criar um ambiente seguro e inclusivo para a interação social, e desenvolver estratégias que promovam o relacionamento entre os alunos. Como relata P2 “As estratégias foram diversas com rodinha de conversas, histórias com temáticas de socialização, amizade, respeito, empatia e momentos com expressão de seus sentimentos propiciando a criança externalizar seus medos, angústias e sentimentos”. Essas estratégias foram essenciais para construir um ambiente educacional que promovesse o desenvolvimento das crianças. Ao utilizar uma rodinha de conversa, histórias com temas de socialização, amizade, respeito e empatia, bem como proporcionar momentos de expressão dos sentimentos, as professoras não apenas incentivam a aprendizagem, mas também cultivam habilidades socioemocionais essenciais para o desenvolvimento na educação infantil. Barbosa (2009, p. 13) entende que “através das conversas, da resolução de conflitos, dos diálogos, da fantasia, das experiências compartilhadas que, esperamos, possamos tornar o mundo mais acolhedor.” Essas práticas contribuem significativamente para os aspectos emocionais, sociais e cognitivos das crianças.

Ao enfrentar esses desafios, as docentes buscaram apoio e formação profissional para adquirir estratégias eficazes de promoção da socialização das crianças. Como relatou a P1

A busca por conhecimento deve fazer parte da vida cotidiana dos professores, busquei por leituras, vídeo aula, conversas com profissionais da Psicologia para fortalecer as ações que buscamos desenvolver com as crianças, essas trocas enriquecem nossa prática pedagógica e nos deixam mais seguras em nossas ações.

É importante que haja a parceria entre professores, famílias e outros profissionais da educação, para garantir uma abordagem abrangente e colaborativa na superação desses desafios. A busca por formação deve estar frequentemente presente na vida das docentes, para elaborar estratégias de trabalho pedagógico para sua turma, como relata Corsino (2009, p. 02):

O professor torna-se alguém que também está na busca de informação, que estimula a curiosidade e a criatividade do grupo e, sobretudo, que entende que as crianças não são receptores passivos, mas sujeitos, que têm seus interesses, que tem uma história, que participam ativamente do mundo construindo e reconstruindo a cultura na qual estão imersos.

O professor está em constante formação, para adaptar-se às constantes no ensino e buscar as melhores estratégias e ações que desenvolvam as crianças, tornando-as mais autônomas e sociáveis. Para que isso aconteça, o suporte da instituição de ensino é necessário.

O suporte das escolas também foi essencial para o retorno, como relata P3 “A escola deu todo um suporte para as professoras. Foi um momento muito difícil para todos, mas a instituição de ensino estava sempre presente e dispostos a nos ajudar quando precisávamos.” No entanto, nem todas tiveram a mesma realidade, como relata P1 “A escola tentou dar suporte com palestras que auxiliasse na compreensão das dificuldades que os professores iriam encontrar após período de isolamento. Contudo, insuficiente devido a alta demanda.” No entanto, o vínculo entre a equipe pedagógica é importante, como relata Barbosa (2009 p. 36):

A educação infantil rompe com a lógica do ensino fundamental – que é a de um professor sozinho na sua sala, com sua turma – pois ela precisa ser realizada em parceria. Isso significa propor uma formação que não seja a do trabalho individual, mas coletivo.

Em meio a diversas realidades enfrentadas pelas docentes, percebe-se que o retorno após isolamento social apresentou mais desafios que o habitual, pois foi um momento de incertezas, como relata sobre seu retorno presencial em sala a P4 “Creio que estive preparada, eu tinha que estar, pois ninguém sabia como iriam estar às crianças de que forma iriam receber a escola nesse retorno.” Essa incerteza foi um desafio compartilhado entre as regentes, pois nesse mesmo viés a P3 comenta que “Preparada não digo que é a palavra certa, porque em vários momentos tive incertezas e medo.”

O retorno presencial foi um período de grande incertezas e dificuldades, pois era uma realidade jamais vista, a instituição e as regentes nunca tinham presenciado algo igual, ainda não sabiam as demandas que estariam pela frente. E foi de extrema importância o suporte da equipe gestora da escola nas suas demandas, pois, esse suporte fortaleceu a relação das professoras e gestoras entre si, assim trazendo mais segurança para os pais ou responsáveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como questão central a discussão sobre o processo de socialização das crianças da educação infantil no retorno presencial. O objetivo geral da pesquisa foi refletir quais os desafios enfrentados pelas docentes na socialização das crianças, após isolamento social COVID-19. Para atingir nosso objetivo realizamos uma pesquisa qualitativa com sete professoras da rede pública municipal e privada da cidade de Santa Maria-RS.

A partir das informações fornecidas pelas docentes, com o suporte de estudos realizados sobre essa temática, a pesquisa revelou que a socialização das crianças entre pares está sendo desafiadora. Em especial, as professoras participantes da pesquisa revelaram que ao ficarem distantes da escola no decorrer de quase dois anos com a interação social em defasagem, especialmente com outras crianças. Sendo essa uma etapa fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais, de esperar, de aguardar sua vez, de dividir brinquedos e compreender os sentimentos, tempos e espaços dos outros, o que vem implicando em enfrentamento e desafios de relacionamento. A escola é o segundo contexto de socialização das crianças, portanto, os impactos no retorno presencial em 2022 apresentaram grandes desafios, conforme analisamos a partir dos dados da nossa pesquisa.

Mostrando que houve perceptível aumento de conflitos, dificuldade de compartilharem materiais, apego a tecnologias e a visível dificuldade em verbalizar suas angústias, ficando emocionalmente instáveis. Após as análises dos dados, é possível enfatizar que, nestes contextos escolares distintos, as crianças, quando retornaram para a escola, manifestaram comportamentos tais como bater, empurrar, dentre outros, o que levou as professoras a compreenderem que tais atitudes foram geradas, em parte, por não terem desenvolvido repertório de vivências entre seus pares, mediados pela presença de uma profissional pedagoga que articulasse as novas experiências, promovendo a mediação destas situações por meio do diálogo e de propostas direcionadas a estas questões. As docentes revelaram que, com o isolamento, tornara-se perceptível a falta de socialização das crianças entre pares, dificultando

seu retorno ou inícios em instituições de ensino, havendo assim, desafios nunca presenciados pelas professoras e crianças.

Os principais desafios enfrentados pelas docentes foram voltados a identificar e abordar as dificuldades individuais, criar um ambiente seguro e inclusivo para a interação social e desenvolver estratégias que promovessem relacionamentos entre as crianças. Essas ações complexas demandaram esforço e criatividade por parte das educadoras. Entre as estratégias adotadas pelas professoras, foram verificadas a efetivação de rodas de conversas, histórias com temáticas de socialização e expressão de sentimentos, sendo estas fundamentais para criar um ambiente educacional propício ao desenvolvimento das crianças. Essas práticas incentivaram habilidades socioemocionais cruciais para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

A menção à busca por apoio e formação profissional foi uma constante entre as docentes, destacando a importância da atualização frequente e do compartilhamento de conhecimentos com a equipe pedagógica. A troca de experiências, leituras, videoaulas e diálogos com profissionais da instituição fortaleceram as ações pedagógicas. Essa abordagem evidencia a necessidade de as professoras serem agentes ativos na construção do conhecimento e na adaptação às demandas em constante mudança.

Ainda, a parceria entre professores, famílias e outros profissionais da educação e de outras áreas como a saúde, é essencial para superar os desafios. O suporte das instituições de ensino, as quais as professoras da pesquisa estavam atuantes foi variável, mas, quando presente, desempenhou um papel crucial no enfrentamento das dificuldades. O relato sobre a importância do suporte da escola e a formação coletiva evidenciou a necessidade de uma abordagem colaborativa na Educação Infantil. Em meio a diversas realidades enfrentadas pelas professoras, o retorno após o isolamento social apresentou mais desafios do que o habitual. No entanto, o suporte da equipe gestora fortaleceu a relação entre professoras e gestoras, proporcionando mais segurança para as famílias.

Em suma, a experiência do retorno após o isolamento social na Educação Infantil destacou a importância da adaptabilidade, formação contínua, colaboração e suporte institucional na construção de um ambiente educacional resiliente e favorável ao desenvolvimento integral das crianças. O pensamento de como explorar e desenvolver o emocional, a socialização entre pares e o diálogo percebe-se que ainda ficará pelos anos seguintes.

Conclui-se que os desafios na área da educação são frequentes, por isso, há a necessidade das professoras serem agentes ativos na construção dos seus conhecimentos sobre o ato de

ensinar e na adaptação às demandas em constante mudança. Assim, implicando em buscar estratégias que supram as necessidades das crianças, individualmente e coletivamente.

## REFERÊNCIAS

AMARO, Ana.; PÓVOA, Andreia.; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionário**. Porto: Universidade do Porto, 2005.

ANJOS, Cleriston Izidro; FRANCISCO, Deise Juliana. Educação Infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 125-146, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79007>

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância. **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, v.31, n.61, 2013, p. 213-222.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Práticas cotidianas na Educação Infantil; bases para a reflexão sobre as orientações curriculares . **Brasília: MEC, SEB**, 2009.

BRASIL. **Constituição, 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 12 out. 2023.

BRAUN, Virginia e CLARKE, Victoria. Usando análise temática em psicologia. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**, 3 (2), 77-101, 2006. tradução: Prof. Dr. Luiz Fernando Mackedanz – Instituto de Matemática, Estatística e Física – Universidade Federal do Rio Grande – FURG

SANTOS, Daniel Domingues; PORTO, Juliana Antola; LERNER, Rogério. O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem. Estudo nº 1. **Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância**. 2014. Disponível em: <http://www.ncpi.org.br>

CORSINO, Patrícia. Trabalhando com projetos na Educação Infantil. **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP. Autores associados. 2009.

CRUZ, Silvia Helena Vieira; MARTINS, Cristiane Amorim; CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade. A educação infantil e vendas postas pela pandemia: intersectorialidade, identidade e condições para o retorno às atividades presenciais. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 147-174, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79003>

GABRIEL, Nilson da Silva.; MARÇAL, Gustavo Acosta.; IMBERNON, Rosely Aparecida Liguori.; POKER-HARA, Fabiana Curtopassi. O retorno às aulas no pós-pandemia: estudo de caso e análise comparativa entre o ensino público e o ensino privado. **Terra e Didática**, Campinas, SP, v. 17, 2021. DOI: 10.20396/td.v17i00.8663375. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8663375> . Acesso em: 15 dez. 2023

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões. A metodologia de projetos e a articulação do trabalho didático-pedagógico com as crianças pequenas. **Educação em Revista**, 2006.

KRAMER, Sônia. **Como a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a Educação Infantil**. São Paulo. Editora Ática. 2003.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996.

LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, 2020. Acesso em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>

MACHADO, Carolina Machado; COLL DELGADO, Ana Cristina. Educação infantil na pandemia e pós-pandemia: reflexões sobre o emparedamento das crianças. **Sociedade e Infâncias**, ISSN-e 2531-0720, Vol. 5, Nº. 2, 2021.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro; LISBOA, Eliene Soares dos Santos; SANTIAGO, Nilza Bernardes. Pandemia do coronavírus e seus impactos na área educacional. **Pedagogia em Ação**, 13(1), 17-24, 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23<sup>a</sup> edição. São Paulo: **Cortez**, 2014.

SOUZA, Patrícia Bezerra; SANTOS, Jéssica Benevides; HOLANDA, Vilma; GONDIM, Thaiza; DANTAS, Teodoro; SOUZA, Milena. Impactos da Pandemia do Sars-Cov-2 no Comportamento de Crianças e Adolescentes. **Revista de psicologia**, 2020.

YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniela Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2016.

NUP: 23081.009392/2024-09

Prioridade: Normal

**Homologação de ata de defesa de TCC e estágio de graduação**

125.322 - Bancas examinadoras de TCC: indicação e atuação

**COMPONENTE**

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Trabalho de conclusão de curso (TCC) (125.32)	TCC Larissa Nunes (pos_defesa) (1).pdf

**Assinaturas**

**30/01/2024 15:18:16**

ESTELA MARIS GIORDANI (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR (Ativo))  
05.23.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO - DMEN

**31/01/2024 08:27:35**

LARISSA VARGAS NUNES (Aluno de Graduação - Cancelamento de Matrícula)  
05.09.01.04.0.0 - Educação Especial - Licenciatura Plena - 13841

1960



Código Verificador: 3790104

Código CRC: 41afc291

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

